

Eu pedagoga memoriando: depois do dito e revivido, quem sou agora 'Amadurecida'?

Zoraya Maria de Oliveira Marques¹ 

Universidade do Estado da Bahia

Artigos livres | Free articles | Artículos libres

DOI do artigo: 10.22481/odeere.v6i2.9850

RESUMO

"Eu Pedagoga Memoriando: depois do dito e revivido, quem sou agora 'Amadurecida'?" completa a "trilogia" iniciada no Projeto de Experiências Criadoras (PEC) na década de 90 junto a discentes e egressos de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia/UNEB (Campus XI). O vol. nº 03 se constitui como artigo conclusivo rodeando as mesmas inquietações, cuja provocação se deu na pergunta problema: "pensando em episódios como preconceito, discriminação, intolerância "qual dentre os fatos mais marcantes da sua vida acadêmica e/ou familiar, teve grande impacto e/ou interferiu no rumo da sua existência?". Para respondê-la, recorreremos às narrativas autobiográficas, enfatizado o relato de uma egressa implicada com o UC'S, nomeada como 'Amadurecida' junto ao tensionamento de clássicos e contemporâneos, como Freire (1970); Marques (2015; 2019); Evaristo (2017) e Medeiros (2018) que nos ajudaram a compreender a sua convicção de que o processo de crescimento não se finda, e se soma a caminhada formacional que intervém como estratégia de retomada da direção que definiu para a sua vida.

Palavras chave: Exercício Memoriando. Discriminação. Preconceito.

I pedagogue memoriando: after the said and revived, who i am now 'Matured'

ABSTRACT

"I Pedagogue Memoriando: after the said and revived, who am I now 'Matured'?" completes the "trilogy" initiated in the Project of Creative Experiences (PEC) in the 90's with students and pedagogy graduates of the State University of Bahia/UNEB (Campus XI). The vol. no. 03 is constituted as a conclusive article surrounding the same concerns, whose provocation occurred in the problem question: "thinking of episodes such as prejudice, discrimination, intolerance "which among the most striking facts of your academic and/or family life, had a great impact and/or interfered in the direction of your existence?". To answer this, we resorted to autobiographical narratives, emphasizing the report of an egressa implicated with the UC'S, named as 'Matured' along with the tension of classics and contemporaries, such as Freire (2015); Marques (2015; 2019); Evaristo (2017) and Medeiros (2018) who helped us understand their conviction that the growth process is not over, and adds to the formational walk that intervenes as a strategy for the resumption of the direction he defined for his life.

Keywords: Exercise Memoriando. Discrimination. Prejudice.

Yo pedagoga memoriando: después de dicho y revivido, ¿quién soy ahora 'Madurado'?

RESUMEN

"Yo Pedagoga Memoriando: después de lo dicho y revivido, ¿quién soy ahora 'Madurado'?" completa la "trilogía" iniciada en el Proyecto de Experiencias Creativas (PEC) en los años 90 con estudiantes y egresados de pedagogía de la Universidad Estadista de Bahía/UNEB (Campus XI). El vol. El nº 03 se constituye como un artículo concluyente en torno a las mismas inquietudes, cuya provocación se produjo en la pregunta del problema: "pensando en episodios como el prejuicio, la discriminación, la intolerancia" que entre los hechos más llamativos de su vida académica y/o familiar, tuvieron un gran impacto y/o interfirieron en la dirección de su existencia?". Para responder a esto, recurrimos a narrativas autobiográficas, enfatizando el informe de una egressa implicada con la UC'S, nombrada como 'Madurada' junto con la tensión de clásicos y contemporáneos, como Freire (2015); Marques (2015;2019); Evaristo (2017) y Medeiros (2018) quienes nos ayudaron a entender su convicción de que el proceso de crecimiento no ha terminado, y se suma al caminar formativo que interviene como estrategia para la reanudación del rumbo que definió para su vida.

Palabras clave: Ejercicio Memoriando. Discriminación. Prejuicio.

Submetido em: 04/11/2021 | Aceito em: 24/11/2021

¹ Professora Plena da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Pós Doc em Educação pelo Formacce/UFBA e em Desenvolvimento Curricular pela Universidade do Minho (UMinho)/Portugal. E-mail: zorayadoutoradoufrn@yahoo.com.br

Você ri da minha roupa. Você ri do meu cabelo. Você ri da minha pele. Você ri do meu sorriso. A verdade é que você. Tem sangue crioulo. Tem cabelo duro. Sarará crioulo (Sandra de Sá).

Esta investigação foi iniciada no âmbito do Projeto de Experiências Criadoras (PEC) e assumida pelo Projeto UNEB nas Comunidades UC'S) que o sucedeu, junto aos graduandos e egressos do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia/UNEB – Campus XI.

Ou seja, as publicações do estudo “Questões étnicas raciais no ‘ato de currículo Memoriando’: identidade(s) em conflito ou o silenciamento de si?” a partir dos exercícios didáticos conhecidos como “Memoriando: Eu, Pedagoga”, fazem parte de uma “trilogia” de textos onde os volumes nº 01 e nº 02 foram publicados pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB.

Neste sentido, esta terceira e conclusiva etapa visa ligar o conjunto de discussões e análises desenvolvidas nos demais textos, com as mesmas questões, portanto, que atravessaram as duas publicações anteriores, e cuja última provocação norteadora foi: “pensando em episódios como preconceito, discriminação, intolerância (...) qual dentre os fatos mais marcantes da sua vida acadêmica e/ou familiar, teve grande impacto e/ou interferiu no rumo da sua existência?”

Como em Eclesiastes (3:1-7) onde está dito que, há um momento para se realizar cada atividade, como o tempo de “espalhar pedras, e tempo de ajuntá-las; tempo de abraçar e tempo de se afastar; tempo de procurar e tempo de deixar de buscar” acredito que há também, em toda pesquisa um amadurecimento ou tempo de deixar ir, para poder compartilhar e pôr a prova o que supomos ter desvendado no *depois*.

Para quem não vê os acontecimentos como meras coincidências, confesso que há meses hesitava em dar por concluída esta pesquisa e finalizar a revisão dos relatos dos colaboradores, quando me chegou o e-mail sobre a próxima edição da Revista Odeere.

Sem demora respondi ao querido colega professor que *por caminhos que a vida não nos explica, estávamos exatamente finalizando o terceiro e último Artigo/Relato da "trilogia", quando nos chegou a boa notícia da próxima edição.*

Todavia, nem sabia ainda naquela ocasião, que a última entrevista a finalizar

e, conseqüentemente a revisar, tomaria uma proporção fundamental no 'apagar das luzes' desta pesquisa, e que se tornaria a interlocução nuclear deste artigo ou 'encerramento' mesmo do estudo.

Eis que, a protagonista da qual falo, de pronto, consentiu que a nomeasse nestas linhas como 'Amadurecida' em alusão as superações e compreensões que foi alcançando em seu sofrido processo de construção identitária desde a infância. Em suas palavras²:

Aqui relato um pouco da minha trajetória, ao tempo em que me induz a refletir a partir do contexto ao qual estive e/ou estou inserida. Este delinea minha biografia a partir da minha infância, focando o fato de eu ser oriunda do campo com valores e vivências constituídas e reconstituídas. Ao qual na infância/adolescência lembro visivelmente até os dias atuais das formas pejorativas preconceituosas que eu juntamente com aquela galerinha que saia da área rural para estudar na cidade vivenciávamos, por alguns discentes e profissionais daquela instituição que estudávamos, mesmo assim tínhamos o sorriso no rosto pois o desejo de estudar falava mais alto (Relato da Amadurecida, 2021).

Ciente do peso do preconceito e exclusão, como companhias não desejadas, que permearam suas itinerâncias na escola e universidade, bem como no relacionamento conjugal, se por um lado funcionou como fator estruturador na luta de 'Amadurecida' por reconhecimento e respeito, por outro foi libertador para a construção de sua autoestima e percepção de si mesma como mulher afro descendente que buscava a todo custo seu empoderamento.

Ainda que esta constatação só viesse muito depois, a força de vontade e o desejo de seguir adiante em busca de realizar seus propósitos, fizeram com que as barreiras enfrentadas funcionassem como impulso e não como freio ou motivo de desistência.

Obvio que é inegável como a influência positiva da família, favoreceu a sua *sobrevivência* diante de diversas humilhações e situações de racismo vividos ao longo da exclusão escolar e nas sucessivas tentativas de enfrentamento à discriminação a que esteve exposta nas relações escolares, e mais adiante no casamento e na universidade, espaços sofridos onde se viu diante das mais diversas contradições étnico-raciais.

² Como intenção de dar grande destaque as escritas de 'Amadurecida', optei por colocar suas falas na íntegra e sempre no centro do texto, *saindo levemente* das orientações da ABNT, sem deixar de considerar, no entanto, os aspectos formais nesta transgressora licença poética.

As denominações eram bem visíveis no momento da merenda e em sala de aula; com as seguintes expressões: deixa os da roça comer primeiro, os coitados comeram cedo; coloca muito para eles terem força de voltar para casa; os negros da roça, cabelos duros, nossas cadeiras eram sempre as últimas, os risos eram frequentes (Relato da Amadurecida, 2021).

Um problema que não se restringia ao comportamento condenável dos colegas de classe, já que chama a atenção, que nos relatos em que rememora as suas vivências e reflexões sobre o perceber-se discriminada por ser uma menina negra da roça, é notória a ausência de um comentário ou outro, que posicione claramente de que forma os funcionários da escola, a gestão, ou a professora, reagiam diante das zombarias e chacotas sofridas.

Acontece que, o estigma que as crianças e jovens trabalhadores que moram no campo ainda sofrem até hoje, ao migrarem das suas atividades nas roças, para frequentar as instituições escolares da zona urbana, tem sido, por diversas vezes, naturalizado como se fosse mera brincadeira ou gozação, que apesar de ação intencional é vista como atitude 'que não têm o desejo de ofender ou ferir' como costumam afirmar os que se defendem dessa forma perversa de *bullying* quando interpelados a se explicar. Ou então, pelos que 'assistem' as agressões, de modo omissivo, o que significa dar o consentimento silencioso para que ocorram.

Na trama narrativa do romance *Becos da Memória* (2017), que foi construída sobre uma memória pessoal, Conceição Evaristo vai nos revelando que mesmo quando a autora principal de uma narrativa, assume a coluna vertebral da história, os demais personagens e suas próprias construções, também importam.

Ou seja, ou no papel de 'plateia' ou de 'agressores' o coletivo se tornara coadjuvante das cenas de humilhação vividas pelo alvo das agressões, o que os pôs como parte integrante do vivenciado e escrito - em cena e em tinta - dos acontecimentos lembrados, neste caso, por 'Amadurecida'.

E, aliás, foi Evaristo (2017, p.11) que na sua dissertação de Mestrado, cunhou o termo "escrevivência" a partir de um jogo de palavras com os termos: escrever, viver, se ver, escrever vivendo, escrever se vendo. Para a autora, no ato de escrever "Becos está uma vivência, que foi minha e dos meus.

Geograficamente, no curso primário experimentei um 'apartheid' escolar. O prédio era uma construção de dois andares. No andar superior, ficavam as classes dos mais adiantados, dos que recebiam medalhas, dos que não repetiam a série (...) passei o curso primário,

quase todo, desejando ser aluna de umas das salas do andar superior. Minhas irmãs, irmãos, todos os alunos pobres e eu sempre ficávamos alocados nas classes do porão do prédio. Porões da escola, porões dos navios. (EVARISTO, 2009, p. 1-2).

Descobrimos, que isso também acontecera no cotidiano escolar de 'Amadurecida', exatamente com relação as próprias posições e espaços geográficos que ocupava em sala, o que ficou mais claro quando ela nos revelou em suas 'escrevivências': "*nossas cadeiras eram sempre as últimas*". Fato, que não nos contou em tom de queixa nem suposição, mas antes como uma indiscutível constatação.

Contradições estas, que perpassam pela noção omissa dos órgãos oficiais de que a aplicação das legislações e a crescente discussão sobre o racismo são suficientes para que a 'suposta superioridade branca' deixe de ser um sério estereótipo que fortalece o avanço da opressão sobre o povo preto, nas escolas, nas ruas, em todo lugar.

Alguns até perguntariam: como não sucumbir a ideologia do branqueamento quando fica difícil resistir aos estereótipos e influências em torno da "questão racial e assim verificar como essas questões influenciam a formação de sua identidade e, conseqüentemente, seu ponto de vista sobre o outro" (SILVA, 1987, p. 23)? E a própria 'Amadurecida' reconhece a força que tais pressões exercem sobre o estar imersa nestes acontecimentos.

(...) é impactante para o discente quando entra na universidade muitas vezes com a visão que ali é diferente e se depara com aquilo que vivenciou no seu período escolar que traz sequela para sempre (Relato da Amadurecida, 2021).

Tal como Drummond (1971) afirmara que tinha "uma pedra no meio do caminho (...) e de que nunca se esqueceria de tal acontecimento" é possível reconhecer nos relatos de 'Amadurecida' que ela se refere aos fatos com o reconhecimento e aceitação (não resignação) de quem enfrentou difíceis acontecimentos em sua vida, mas que apesar das decepções e impactos deixados, estas marcas (ou pedras) não lhe impediriam de prosseguir ou de forjar em si, a autoconfiança de que necessitaria para reexistir.

É possível recorrer a reflexão de Medeiros et al. (2018) quando traz o aprofundamento da confiança como um fator que, ao longo da vivência e dialogo coletivo, ajuda a *recolher as pedras em nossos caminhos* para se

empenhar em novas construções.

O medo de errar, dos julgamentos, da autoridade, de se expor publicamente, de defender as ideias, de falar, de falar sobre nossas identidades, da cor da pele, de rir e de chorar, de dançar e de cantar, de ser tocado e de tocar os corpos (o seu próprio e o dos outros), de abraçar (MEDEIROS et al., 2018, p. 130).

Como qualquer um de nós reagiria, quando atacados em nossa natureza humana sensível, 'Amadurecida' sofreu, mas não carregou consigo, mais do que o necessário, pesadas 'pedras emocionais e simbólicas' do seu passado presente. Ou seja, na medida em que amadurecia, e que foi identificando cada um dos prejuízos e obstáculos às suas aprendizagens e felicidade, foi tentando deixar pelo caminho, aquelas tantas pedras que poderiam sim, ser soltas, para simplesmente rolarem ao chão.

Mas não foi simples, ou fácil. Foi preciso ter compreendido que, o desafio de eleger estratégias de combate ao silenciamento dos saberes e tradições ancestrais, é que a levariam ao reposicionamento onde quer que estivesse, nas roças, periferias, em todo lugar, afinal "diversidade territorial tem gênero, cor, classe, territórios e muitos amores" (MEDEIROS et al. 2018, p. 130) e/ou desamores, como 'Amadurecida' aprendeu da forma mais dura e marcante.

Fui a primeira de 7 filhos a adentrar uma universidade pública para alguns era legal para outros era impactante ou seja teve momentos que eu preferia não opinar porque tudo era motivo de interpretações erradas, a intolerância na área conjugal foi algo massacrante que afetava muito minha trajetória universitária, chegava na universidade triste emotiva até mesmo atrasada, porque antes eu já tinha passado por situações tristes que me faziam chorar, eu trabalhava não tinha tempo para fazer as atividades, pesquisas, no período diurno, então deixava as 2 filhas dormirem e começava estudar, dormia muito tarde e acordava cedo. No período de TCC inúmeras vezes dava 05h da manhã eu estudando sem perceber, mas 06:30 eu teria que sair ou antes, ali era motivo para o cônjuge começar falar que os estudos eram pretextos para eu estar com HOMENS, mas eu tinha uma única certeza, vou me formar vou vencer, muitas vezes entrava no banheiro da instituição de ensino, lavava o rosto pois muitas lagrimas escorriam no meu rosto, colocava o batom ajeitava os cabelos e entrava para assistir aula (Relato da Amadurecida, 2021).

Sem dúvida alguma, foi de extrema importância, que a descolonização dos saberes de experiência se tornassem, gradualmente, ferramenta de superação e

ressignificação dos ataques verbais e agressões psicológicas sofridas em seu casamento.

E neste cenário, opressivo e íntimo, o diferencial foi sem dúvida alguma, a sua entrada na universidade, apesar de todas as disposições em contrário e das batalhas que teve que enfrentar para vencer a empreitada de ocupar um espaço formacional que sabia, desde sempre, ser seu por direito e merecimento.

As intolerâncias na área conjugal serviram para que eu tomasse decisões de libertação abrindo mão de um casamento possessivo doentio, ou seja todas as vivências que em dado momento eu vivenciei de maneira muito triste e negativa todas de algum modo ajudaram-me a ser a pessoa iluminada que sou hoje, os anos de universidade proporcionou a busca do empoderamento, proporcionado a abertura para o novo com mais firmeza e determinação (Relato da Amadurecida, 2021).

Ao desafiar seu companheiro, 'Amadurecida' competiu com muitas das representações que ele encarnava: os determinantes socio-culturais-políticos-econômicos; a desigualdade histórica; condições desfavoráveis; cerceamento de direitos; discriminação e preconceito enraizado.

Muito próximo ao dito por Okoro (2021) quando falara do orgulho diário que sente agora, apesar de, em alguns momentos, ter se perdido no que lhe feria, ou por ter se visto aprisionada na dor sentida.

Ao enfrentar seu 'destino' sem fatalismos nem resignações estéreis, ela se deparou, lutou e venceu o maior e mais forte dos oponentes que poderia se colocar entre a sua liberdade e os seus próprios anseios e princípios: ela mesma.

Todavia para a conquista da maturidade, a nossa colaboradora da pesquisa, a 'Amadurecida' - teve que defrontar-se com a superação da consciência ingênua, a que Freire (1970) também se refere como consciência mágica, para o alcance da consciência crítica que lhe permitiria refletir sobre sua história e seu papel social na sociedade em se encontra.

Quando adentrei a universidade comecei a entender que aquilo não era cuidado conosco, mas palavrinhas para ocultar o peso que tinham e que atualmente ainda podem acontecer com outras crianças do campo, da periferia, negra, pobre dentre outros. Estas e outras questões foram amadurecendo dentro de mim (Relato da Amadurecida, 2021).

O fato é que isso se deve, ao poder olhar para o passado e reconhecer que

foi o caminho percorrido antes, que lhe desenhou o hoje, e que o 'olhar pra trás' revela que carrega não apenas a própria história, mas também a de outras mulheres que resistiram para que pudéssemos estar onde estamos.

Como relatou, o 'ver o antes', encarado por 'Amadurecida' lhe pôs diante, em certos momentos, da intolerância familiar e do seu próprio medo de resistir, todavia a vontade de vencer foi maior do que tudo que enfrentava.

(...) estas situações interferiam muito no aprendizado e desempenho, mas eu sempre acreditava vou vencer, vou conseguir, tinha vontade de sair daquele relacionamento para não ouvir aquelas palavras que traziam tanto sofrimento. Conclui a graduação fiz pós graduação em psicopedagogia clínico e institucional, atualmente irei iniciar outra pós pela UNEB Educação Digital, e pretendo ir além (Relato da Amadurecida, 2021).

Em suas errâncias e aprendizagens na universidade, com o passar do tempo e acontecimentos, 'Amadurecida', foi se fazendo forte e crítica o que lhe exigiu muita resiliência e coragem, porque combater o preconceito racial e a discriminação, ora discretos, ora escancarados, além de lhe causar ocasional solidão, se diferenciava (e muito) do significado real da empatia vivida em sua infância.

– Mãe, se chover água de Deus, será que sai aminha tinta? Credo-em-cruz! Tinta de gente não sai. Se saísse, mas se saísse mesmo, sabe o que ia acontecer? – Pegou-me e, fazendo-me cócegas na barriga, foi dizendo: - Você ficava branca e eu preta, você ficava branca e eu preta, você branca e eu preta... Repentinamente paramos o riso e a brincadeira. Pairou entre nós um silêncio esquisito. Achei que ela estava triste, então falei:– Mentira, boba. Vou ficar com esta tinta mesmo. Acha que eu ia deixar você sozinha? Eu não. Nunca, nunquinha mesmo, tá? (GUIMARAES, 1998, p.9).

Em direção totalmente contrária, a este belíssimo e profundo diálogo travado entre mãe e filha no romance 'A Cor da Ternura' de Geni Guimarães (1998) a realidade enfrentada por 'Amadurecida' no casamento não continha os traços empáticos de seu lar de infância, onde contava com a atitude de apoio e respeito verdadeiro por seus sentimentos e expectativas.

Foi, bem mais adiante, a partir da compreensão dos determinantes socioculturais e ideológicos que enfrentava, alguns inclusive, debatidos criticamente em sala de aula, por professores no curso de Pedagogia, que

'Amadurecida' foi descobrindo a importância que tais influências teriam para a afirmação da sua identidade.

Por muito tempo achava até bonito cabelo Black, mas eu não tinha coragem de usar se sempre fui chamada de cabelo duro? hoje uso Black liso da forma que eu preferir, visto que hoje tenho, autonomia para assumir minha identidade, a universidade proporcionou isto, também pude perceber que na Universidade existia variadas formas preconceituosas ocasionadas por alguns discentes e docentes, a qual eu também fui vítima em algum momento, mas ali eu teria espaço, oportunidade para expressar minhas indignações se necessário fosse (Relato da Amadurecida, 2021).

Ao se referir diretamente aos exercícios didáticos e componentes curriculares que favoreceram o seu processo identitário, situou o próprio 'memoriando'; os diversos papéis que os professores exerceram sobre a sua formação e sua autoimagem; e de como entregou-se as aberturas para dialogar sobre os dilemas de sua vida, reconhecendo neste momento, o diferencial que o corpo docente da universidade exercera em seu empoderamento.

Entretanto, este 'cutucar' externo só encontrou ressonância porque ela mesma estava disponível à mudança e se empenhava em descobrir em si, os elementos facilitadores para que isso ocorresse.

E ao adentrar a universidade pude perceber que as diversas formas de preconceito que vivenciei no período escolar poderia ajudar-me a crescer, isso percebi nas disciplinas e aulas de alguns professores. Em todo este percurso ainda hoje e visível na minha memória as aulas, e mensagens de otimismo auto estima e superação, ministrada pela docente Zoraya Marques, a pró Milly, a qual eu por muitas vezes chegava em casa com vontade de continuar buscando, e seguir em frente. Vale ressaltar que em relação ao preconceito discriminação, não só sofremos, mas também praticamos, faço referência as religiões de matrizes africanas, escolhas sexuais dentre outros antes de adentrar a universidade eu tinha uma visão pejorativa (Relato da Amadurecida, 2021).

Ao ressaltar o próprio equivoco de desumanização que percebeu em si, ao identificar determinados preconceitos que sentira inadvertidamente, viu-se "num contexto real, concreto, objetivo, de sujeito inconcluso e consciente de sua inconclusão, onde a existência da injustiça, da exploração, da opressão, da violência e da dominação dos que oprimem e dominam" (FREIRE, 1970, p. 32) e como poderiam arrebatá-la dos valores que defendia.

No momento, em que ela mesma decidiu se despir das marcas de opressão

e exclusão que sofrera ao longo da vida, e da contraditória visão quanto as questões de crenças e gênero, 'Amadurecida' pôde escolher não permitir que a sua condição socio econômica, fragilidades, incompletudes e cor de pele lhe definissem, mas sim que a diferenciassem de forma empoderada e resiliente.

Deste modo, o constante desequilíbrio que os imprevistos provocaram, junto as inevitáveis mudanças; os diferentes sujeitos de convívio no cotidiano da faculdade; os desafios postos semestre a semestre e os acontecimentos da vida pessoal; foram pouco a pouco, fortalecendo sua coragem em ousar se envolver cada vez mais nas ações de pesquisa e extensão coladas ao ensino que a universidade lhe oferecia.

Estes projetos do UC'S, as dinâmicas que não lembro a titulação em sala de aula, eram temáticas que me desequilibravam, e instigavam a continuar pensando que era necessário haver mudanças da minha parte, por diversas vezes instigaram que eu refletisse mais sobre as situações vivenciadas na família no casamento, para um melhor equilíbrio e vivência pessoal. Vale ressaltar que a pessoa que me tornei, por muitas vezes ouvi do cônjuge "você está ousada depois desta tal UNEB" isto, porque já não era submissa as torturas psicológicas emocionais afetivas enfim (Relato da Amadurecida, 2021).

Esta acusação de *ousadia* a que se referia seu companheiro, ao contrário de demovê-la passou a ser um estímulo a mais no caminho de libertar-se. Porém, como a liberdade poderia se tornar uma realidade, se não estivesse disposta a romper padrões e formatos preestabelecidos de conduta, imagem e normatizações?

Uma questão que incluía, inclusive, a atitude de como vinha aceitando ou não ser vista e nomeada até então. Não é à toa, por exemplo, que a atriz e cantora Mariene de Castro (quando questionada como prefere ser chamada, se de 'preta ou negra' disse não se ofender com nomenclatura, e sim com o desrespeito das pessoas com relação a qualquer tipo de racismo e preconceito. Dito assim: "Eu sou preta, negra, nega, neguinha, pretinha, mulata, cabocla, crioula (...) sou toda a mestiçagem do meu povo que se misturou e assim surgiu; alguém com traços de índio, negro e de rebarba, portugueses (2017)".

São posicionamentos firmes de quem (se) conhece. De quem tem nas memórias acontecidas, uma referencia do quanto custa superar cada dor que marcou a existência, e de como se pode levar consigo, outros sujeitos dispostos a

se empoderar também.

Lembro -me do dia da apresentação do meu TCC, a minha genitora ali radiante por ter a primeira filha em Universidade, e naquele momento relatava diante dos presentes que eu seria filha de pais com pouco estudo e o que ela aprendeu foi estudando comigo no projeto TOPA, e relatava as dificuldades que passei para chegar até ali (Relato da Amadurecida, 2021).

Foi esse autorreconhecimento e orgulho, que passou a ter por si mesma, apesar das tamanhas dificuldades que precisou encarar e de todos os ataques e ofensas que sofrera, que fizeram com que 'Amadurecida' reencontrasse suas raízes e identidade.

Eis que não se vê, no entanto, queixas nem lamurias nas reminiscências resgatadas por 'Amadurecida' em nenhum dos seus relatos. Ela fala sempre, isso sim, do lugar de uma mulher negra e resistente que se orgulha do que enfrentou e de onde chegou. Com tranquila lucidez de quem, mesmo tendo sido atingida de forma recorrente, por acontecimentos que lhe feriram a subjetividade e expectativas que tinha para si mesma desde criança, conseguiu agregar crescimento as suas errâncias e vivências, aprendendo sobre si e do que pretendia alcançar.

As compreensões com relação as mudanças que os acontecimentos em sua vida ocasionaram, fizeram com que a 'Amadurecida' descobrisse em si mesma a força de que precisava para lidar com os contratemplos e imposições inerentes ao viver.

Percebo mudanças positivas as quais sou mais fortalecida tenho autonomia para minhas decisões para ir em busca das conquistas, as formas preconceituosas vivenciadas que me desequilibravam hoje percebo que serviram para meu crescimento pessoal profissional afetivo emocional enfim... (Relato da Amadurecida, 2021).

Como posto nesta fala, as reticências usadas por 'Amadurecida' mostram-se como uma metáfora para afirmar que o seu processo de crescimento não se finda, porque se soma a sua caminhada formacional. Andamento este, que intervém como estratégia de *retomada* da direção que definiu para a sua vida.

Neste estudo, apesar de se tratar de uma pesquisa não generalizável, 'Amadurecida' representou o coletivo de estudantes negras que participaram do 'exercício Memoriando', tendo ou não se envolvido com a investigação que dele

decorreu. Tê-la como a personagem central da última escrita desta trilogia de artigos, me causou uma certa nostalgia, principalmente por reviver memórias por demais parecidas com as 'escrevivências' trazidas por outras pesquisadas nos textos 01 e 02 publicados anteriormente.

Neste sentido, a autonomia que 'Amadurecida' viu em si, provem daquilo que possibilita "ao ser humano a reflexão de si mesmo, na dinâmica da auto observação, para o alargamento das capacidades de autonomização, de iniciativa e criatividade (DOMINICÉ, 2006, p. 350)" ou, em última análise, da autoformação que perdura no âmbito pessoal, social e profissional, onde as vivências e experiências que dão significado a nossa existência, se renovam na relação *nósoutros*. Como eternizou Luiz Melodia: "Meu nome é ébano. Venho te felicitar sua atitude".

REFERENCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Reunião**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

DOMINICÉ, Pierre. **A formação de Adultos confrontada pelo imperativo biográfico**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 32, p.345-357, maio/ago 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a10v32n2.pdf>

EVARISTO, C. **Becos da memória**. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 36ª ed. Rio de Janeiro: Edições Paz e Terra 2003.

GUIMARÃES, Geni Mariano. **A cor da ternura**. São Paulo, FTD, 1998.

MARQUES, Zoraya Maria de Oliveira. **Questões étnicas raciais no exercício Memoriando**: identidades em conflito ou o silenciamento de si? Anais do V Congresso Baiano de Pesquisadores Negros, v. I, 2015.

MARQUES, Zoraya Maria de Oliveira. **A continuação dos estudos sobre as escritas do Memoriando**: atos de currículo e preconceitos revelados. ODEERE. Revista do Programa de Pós Graduação em Relações Étnicas e Contemporâneas. ISSN: 2525.4715, ano 2019, vol. 4, nº 08, jul-dez.

MEDEIROS, Alzira Josefa de Siqueira; VILAÇA, Mônica; NUNES, José. DUBEUX, Ana. **Economia solidária, educação popular e pedagogia da autogestão**: reaprendendo a aprender pelas veredas da descolonização do saber no Nordeste. Olinda: MXM Gráfica e Editora, 2018.

MELODIA, Luiz. **Ébano**. Festival Abertura da Rede Globo, 1973.

OLIVEIRA, Romário de. **"Negro ou Preto"**. Coluna afro igualdade, 01/06/2017. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/colunas/afro-igualdade/2017-06-01/negro-ou-preto.html>.

OKORO, Rayssa. **Para mim e para todas as mulheres negras**. 01/08/2021. Disponível em:<https://negre.com.br/para-mim-e-para-todas-as-mulheres-negras/20/10/2021>.

REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA E CIÊNCIAS SOCIAIS. **Mães libertas, filhos escravos: desafios femininos nas últimas décadas da escravidão em São Paulo**. v.2, n.4. Santa Vitória do Palmar, RS (p.22-34), 2018.

RIBEIRO, Marcelo Silva de Souza. **A Experiência Paradoxal do Processo Identitário** [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

SÁ, Sandra de. **Olhos Coloridos**. Polygram, 1982.